



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

COEXISTÊNCIA DE DIFERENTES TENDÊNCIAS EM ANÁLISES DE CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Valéria Ghislotti Iared¹

Mayla Willik Valenti²

Natália Salan Marpica³

Amadeu José Montagnini Logarezzi⁴

Haydée Torres de Oliveira⁵

RESUMO

No campo da educação ambiental coexistem múltiplas práticas educativas, correntes de pensamento e fundamentos teóricos. Nesse sentido, desde a década de 1980, pesquisadoras/es brasileiras/es vêm realizando investigações no intuito de mapear qual abordagem da questão ambiental é predominante nas práticas educativas em diferentes âmbitos. Esse artigo tem por objetivo discutir a coexistência de diferentes tendências da educação ambiental em uma mesma prática educativa, a partir de uma síntese dos resultados encontrados em três pesquisas, que tiveram objetos de estudo diferentes, mas utilizaram uma mesma ferramenta de análise e categorias semelhantes, adaptadas para cada contexto estudado. Optamos por não classificar nossos resultados

¹ Doutoranda em Ecologia e Recursos Naturais, Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos, CEP 13565-905, São Carlos, SP, Brasil, valiared@gmail.com, Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental (GEPEA) <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0335708OMBPW4F>

² Doutoranda em Ecologia e Recursos Naturais, Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos, CEP 13565-905, São Carlos, SP, Brasil, maylabio@yahoo.com.br, Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental (GEPEA) <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0335708OMBPW4F>

³ Mestre em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, CEP 13565-905, São Carlos, SP, Brasil, nataliasalan@yahoo.com.br, Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental (GEPEA) – <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0335708OMBPW4F>

⁴ Doutor em Ciências Físico-químicas, professor associado do Depto de Engenharia de Materiais, Universidade Federal de São Carlos, CEP 13565-905, São Carlos, SP, Brasil, amadeu@ufscar.br, Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental (GEPEA) <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0335708OMBPW4F>

⁵ Doutora em Ciências da Engenharia Ambiental, professora associada do Depto de Hidrobiologia, Universidade Federal de São Carlos, CEP 13565-905, São Carlos, SP, Brasil, haydee@ufscar.br, Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental (GEPEA) <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0335708OMBPW4F>

em uma categoria, como se elementos de outra não estivessem presentes. Nossos resultados indicam que diferentes abordagens coexistem na prática educativa, ou seja, nossos *corpora* de análise não assumem permanentemente nenhuma das tendências construídas. Dessa maneira, entendemos que a complexidade da realidade não pode ser delimitada em rótulos ou padronizações de fenômenos, sob o risco de produzir imagens empobrecidas e simplificadoras.

Palavras-chave: correntes da educação ambiental, prática educativa, sobreposição de tendências

ABSTRACT

In the field of environmental education, multiple educational practices, schools of thought and theoretical foundations coexist. Therefore, since the 1980s, Brazilian researchers have been conducting investigations, in order to map which approach of the environmental question is prevalent in educational practices in different areas. This article aims to discuss the coexistence of different trends in environmental education in the same educational practice. This was accomplished from a summary of the results found in three studies, which have different objects of study, but used the same tool and similar categories, adapted to each context studied. We chose not to classify our results in a category, as if other elements were not present. Our results indicate that different approaches coexist in the educational practice. In other words, our *corpora* of analysis do not assume permanently any of the current trends. Thus, we believe that reality's complexity cannot be encircled by labels or phenomena patterns, at the risk of producing impoverished and simplistic images.

Keywords: environmental education's currents, educational practice, overlapping trends

Introdução

Atualmente, se configuram diversas vertentes de educação ambiental que assumem diferentes posicionamentos político-pedagógicos. Há algum tempo, Krasilchik (1986, 1994) já apontava que essa indefinição era objeto de intensa controvérsia, não só no nosso país como também no âmbito internacional, sendo que se agrupavam sob a denominação educação ambiental atividades muito variadas, tanto em conteúdo como em valores. No Brasil, essa discussão sobre as especificidades desse campo continua sendo rica e polêmica (LAYRARGUES, 2004), sendo que diversas/os autoras/es propõem diferentes sistematizações, nomenclaturas e características (CRESPO, 1998; LAYRARGUES, 2004; SAUVÉ, 2005; SORRENTINO, 1995). Encontramos também na literatura internacional publicações que buscam aclarar as tendências presentes em diferentes práticas (SAUVÉ, 2005). No entanto, este processo de classificação não é um consenso entre os autores e autoras que se dedicam a realizá-lo. Sorrentino (1995), em sua tese de doutorado, diferencia quatro tipos de prática de educação ambiental: (a) conservacionista (b) a educação ao ar livre; (c) educação na gestão ambiental e (d) a economia ecológica, dividida em duas vertentes, desenvolvimento sustentável e sociedades sustentáveis. Crespo (1998), por sua vez, também propõe uma outra classificação: o ambientalismo pragmático e o ambientalismo ideológico. Já Sauvé (2005) propõe e qualifica 15 correntes das práticas de educação ambiental a partir de seus conceitos-chave, objetivos, enfoques e estratégias metodológicas: naturalista,

conservacionista, resolutiva, sistêmica, científica, humanista, moral/ética, holística, biorregionalista, prático, crítica, feminista, etnográfica, ecoeducação e sustentabilidade.

Na tentativa de reunir as diferentes expressões da educação ambiental no Brasil, em 2004, o Ministério do Meio Ambiente publicou o livro “Identidades da Educação Ambiental Brasileira” (LAYRARGUES, 2004), onde estão compilados os textos de diferentes autoras/es que qualificam determinadas denominações atribuídas à educação ambiental, muitas delas com convergências significativas em termos de princípios que defendem e de autoras/es a que recorrem, detalhando a educação ambiental crítica, a educação ambiental transformadora, a ecopedagogia, a alfabetização ecológica, a educação no processo de gestão ambiental, entre outras. No nosso grupo de pesquisa vimos construindo nos últimos anos os pressupostos que alicerçam o que chamamos de vertente dialógico-crítica da educação ambiental (LOGAREZZI, 2010; OLIVEIRA et al., 2009).

Pelo exposto, percebemos que no campo da educação ambiental coexistem múltiplas práticas educativas, correntes de pensamento, fundamentos teórico-metodológicos e posições político-ideológicas. Nesse sentido, desde a década de 1980, pesquisadoras/es brasileiras/es vêm realizando investigações no intuito de mapear qual abordagem da questão ambiental é predominante nas práticas educativas, em diferentes âmbitos, pois a concepção de meio ambiente, assim como as concepções de educação, vão delineando os contornos das múltiplas práticas de educação ambiental.

...é interessante nos perguntarmos, por exemplo, até que ponto as propostas que procuram relacionar o processo educativo com a temática ambiental têm incorporado elementos vistos como fundamentais nesse processo; elementos que contribuam para a compreensão dos aspectos básicos da dinâmica natural e das relações estabelecidas entre homem e natureza, mas que contribuam, também, para a construção de novos paradigmas, que abram caminhos para alterações profundas no modo como a nossa sociedade “torna presente para si a natureza”. (CARVALHO, L. et al., 1996, p. 80)

No ambiente escolar, várias pesquisas procuraram analisar as concepções de educação ambiental de professoras/es. Em uma das primeiras teses sobre educação ambiental no Brasil, Carvalho, L. (1989) estudou a concepção de educação ambiental de professoras/es de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. O autor identificou que a maioria das/os professoras/es apresentou uma visão que chamou de tradicional, relacionando o termo com preservação ou conservação do ambiente. Outras categorizações definidas pelo autor foram a genérica, quando as práticas analisadas demonstravam uma abordagem superficial ou imprecisa, e a alternativa, que exibia elementos diferentes das anteriores. Souza (2004) realizou sua pesquisa com professoras/es de ciências e de geografia em um município da Bahia, identificando que

52% têm uma visão conservacionista da educação ambiental. Em Cuiabá, Sguarezi (2005) encontrou resultados semelhantes com professoras/es de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Silva (2007), em sua pesquisa de doutorado, propôs três tendências para analisar a série de filmes “Meio ambiente e cidadania”, exibida na TV Escola: conservacionista, pragmática e crítica. Embora elementos das outras concepções tenham sido identificados, a concepção que prevaleceu no conjunto dos filmes analisados foi a pragmática.

Percebendo a importância desse tipo de pesquisa, em nossas dissertações de mestrado consideramos relevante identificar como a educação ambiental vem sendo abordada em diferentes âmbitos da prática educativa: livros didáticos (MARPICA, 2008), unidades de conservação (VALENTI, 2010) e práticas pedagógicas de professoras/es do ensino fundamental (IARED, 2010). Esse artigo tem por objetivo discutir a coexistência de diferentes tendências da educação ambiental em uma mesma prática educativa, a partir de uma síntese dos resultados encontrados nesses três estudos, realizados à luz dos mesmos parâmetros de análise.

O contexto das pesquisas

As três pesquisas que aqui apresentamos tiveram objetos de estudo diferentes, mas utilizaram uma mesma ferramenta de análise e categorias semelhantes, embora adaptadas para cada contexto estudado. A ferramenta consistiu em um roteiro que buscou contemplar parâmetros relacionados às dimensões dos conhecimentos, dos valores éticos e estéticos e da participação política, proposto originalmente por Marpica (2008), baseando-se em Carvalho, L. (2006) e Carvalho, L. *et al.* (1996), e adaptado por Valenti (2010) e Iared (2010). Dessa forma, para cada dimensão foram analisados parâmetros considerados como fundamentais à ação educativa voltada ao ambiente. Esses parâmetros foram categorizados segundo tendências da educação ambiental, que escolhemos a partir da literatura.

Para tanto, Marpica (2008) propôs uma classificação em quatro tendências com base em Silva (2007) e Grün (1996), contemplando elementos existentes nos campos da educação e da educação ambiental, sendo elas:

a) Tendência silenciosa: refere-se a momentos ou assuntos que seriam oportunos para serem trabalhadas certas questões ambientais e, no entanto, elas não aparecem nem ao menos implicitamente.

b) Tendência conservacionista: o ser humano não é visto como parte da natureza. Prevalece uma visão contemplativa da natureza e as questões ambientais não são problematizadas. Os conhecimentos locais, o contexto histórico, a diversidade cultural e a

interdisciplinaridade são desconsiderados, a tecnologia é tida como a causa dos problemas ambientais e o futuro do planeta depende de indivíduos conscientes da gravidade da situação.

c) Tendência pragmática: assim como na conservacionista, as questões ambientais são discutidas superficialmente, mas aqui a ciência e a tecnologia não são causa e sim a solução dos problemas ambientais. A natureza é vista como recurso e apenas medidas normativas e punitivas poderão ser eficientes contra a degradação do ambiente.

d) Tendência crítica: considera o contexto histórico, cultural, político e social dos conflitos ambientais, os quais devem ser discutidos desde suas raízes para compreensão e superação dos problemas. Valoriza os conhecimentos tradicionais e os científicos na tentativa de buscar soluções para os danos ao ambiente. O diálogo é tido como um dos princípios da educação ambiental, o movimento coletivo e a atuação política são pressupostos básicos para a emergência de um novo paradigma.

Com esses critérios, analisamos a seguir os resultados das três pesquisas⁶, discutindo a presença de diferentes tendências nos resultados dos três estudos.

As questões ambientais em livros didáticos da quinta-série do ensino fundamental

Marpica (2008), preocupada com a orientação das políticas públicas em enfatizar o caráter transversal das questões ambientais na escola e com o grande investimento do governo federal na seleção e na compra dos livros didáticos, investigou as tendências na abordagem das questões ambientais em livros didáticos das diferentes disciplinas escolares (matemática, língua portuguesa, ciências, história e geografia), focando a abordagem das questões ambientais dentro de cada uma das disciplinas e as inter-relações e coerências existentes (ou não) entre elas. Como *corpus* de análise, adotou os livros didáticos mais comprados pela Secretaria de Educação do estado de São Paulo de cada uma das disciplinas escolares para a quinta-série do ensino fundamental no ano de 2005. Foram selecionados, como unidades de análise, trechos e capítulos desses livros que abordavam as questões ambientais, os quais foram submetidos à categorização de acordo com as tendências da educação ambiental em cada um dos 21 parâmetros concebidos.

No conjunto de livros analisados, foram selecionados 52 trechos, os quais abordavam as questões ambientais ou abriam caminhos possíveis para sua abordagem, indicando que a temática ambiental está presente nos livros didáticos escolares, embora com pouca profundidade do conteúdo. A figura 1 ilustra que a tendência silenciosa foi predominante em

⁶ Aspectos que aqui, por questão de espaço, tiveram que ser omitidos (como a definição de cada parâmetro proposto) podem ser encontrados nas referidas dissertações, de Marpica (2008), de Valenti (2010) e de Iared (2010).

todas as disciplinas e no conjunto de livros. Contudo, as tendências crítica, pragmática e conservacionista apareceram de forma heterogênea, sem uma intencionalidade teórica como um referencial que dá suporte ao processo de educação ambiental.

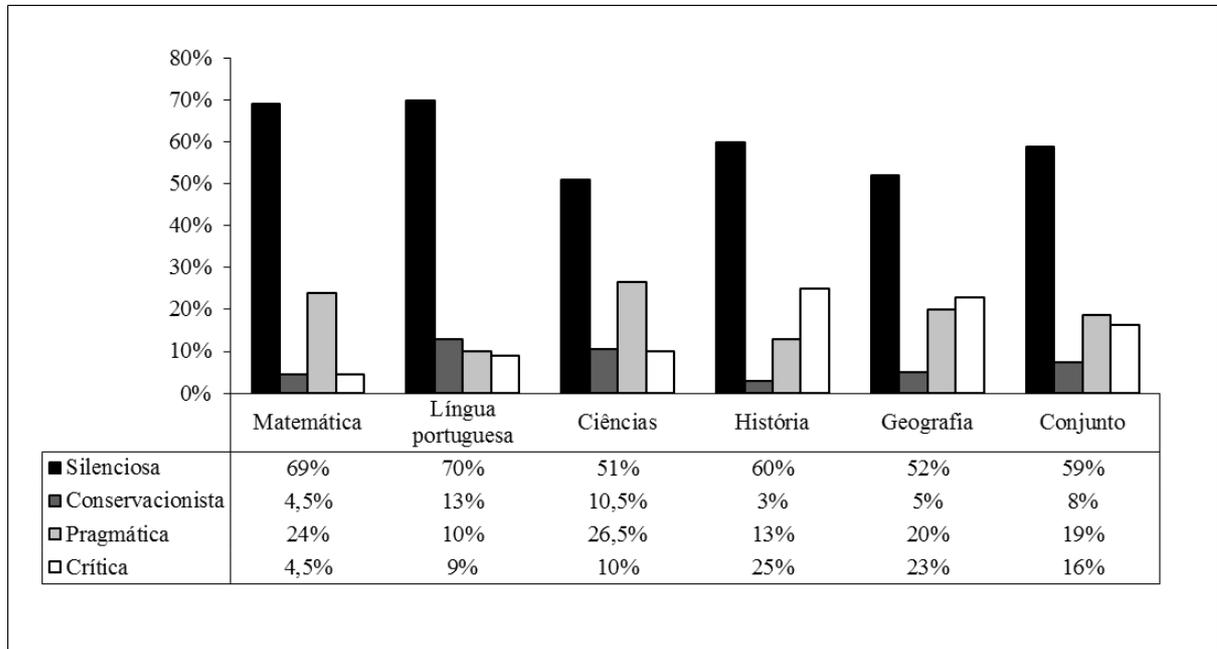


Figura 1. Distribuição das tendências da educação ambiental nos livros didáticos da quinta série do ensino fundamental de diferentes disciplinas em relação à abordagem da questão ambiental (MARFICA, 2008).

Quando analisamos os resultados obtidos nesse estudo, concluímos que a) a tendência silenciosa, que negligencia vários aspectos importantes no tratamento da questão ambiental, é predominante no conjunto dos livros didáticos, b) as três dimensões analisadas são basicamente ignoradas pelos livros, c) entre os elementos que não são silenciados, não há uma manifestação homogênea, ou seja, cada disciplina assume uma postura diferente sobre a questão ambiental. Assim, as questões ambientais nos livros didáticos não são abordadas a partir de uma única fundamentação teórico-metodológica e orientação político-ideológica, considerando o conjunto das disciplinas.

Educação ambiental em unidades de conservação⁷ do Estado de São Paulo

Valenti (2010) estudou as tendências da educação ambiental em atividades educativas no âmbito dos programas de uso público em cinco

⁷ “Unidade de conservação: espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção” (BRASIL, 2000)

diferentes unidades de conservação do Estado de São Paulo. Os dados foram obtidos por meio de observações diretas e de entrevistas com as/os envolvidas/os em ações de educação ambiental nessas unidades e submetidos à categorização segundo as dimensões da prática educativa (conhecimentos, valores e participação política). Embora as categorias utilizadas sejam as mesmas propostas por Marpica (2008), alguns parâmetros foram adaptados ao contexto dessa pesquisa, incluindo parâmetros relacionados aos procedimentos adotados durante as atividades desenvolvidas nas unidades, uma vez que esses foram observados na prática. No total, 20 atividades foram analisadas em seu conjunto e em relação ao tipo de atividade (trilhas interpretativas ou outras).

Analizando as frequências de cada tendência em relação ao total de observações, percebemos pela figura 2 que as quatro tendências estão presentes nas ações educativas realizadas nas unidades de conservação. A tendência predominante e as frequências de cada tendência variavam conforme o tipo de atividade.

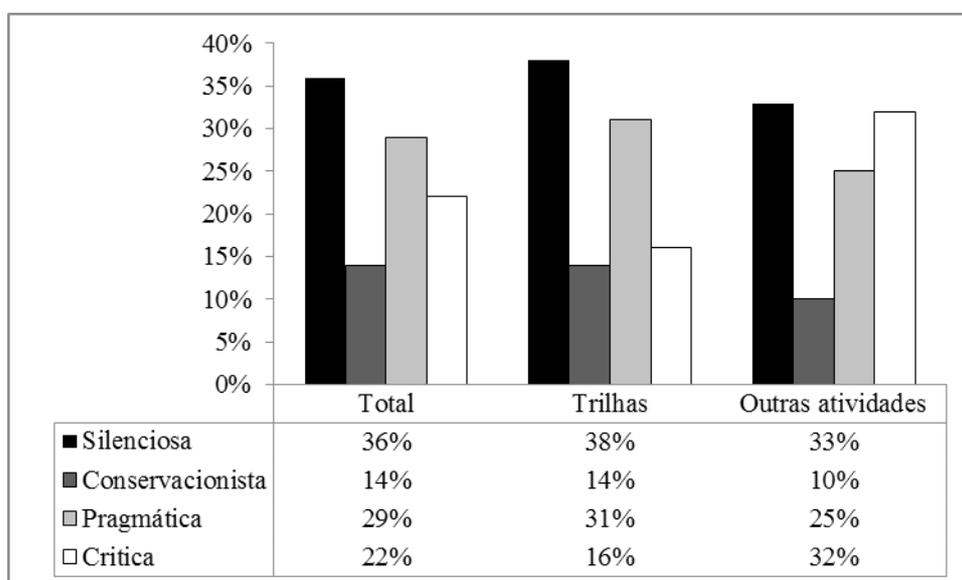


Figura 2- Frequências de observações das tendências da educação ambiental em atividades realizadas em unidades de conservação do Estado de São Paulo, em relação a um total de 530 observações, sendo 344 em trilhas interpretativas e 186 em outras atividades (VALENTI, 2010).

Nas trilhas interpretativas, as tendências silenciosa e pragmática foram mais frequentes, enquanto que nas demais atividades, as tendências silenciosa e crítica predominaram. Tal resultado pode decorrer

do fato de que nessas outras atividades, como palestras e rodas de conversa, os temas comumente não explorados nas visitas aos ambientes naturais são aprofundados, especialmente por meio de materiais didáticos disponíveis nas unidades de conservação. Além disso, procedimentos mais participativos são utilizados nessas outras atividades, devido ao próprio espaço físico e à possibilidade de maior interação entre visitantes e guias. Contudo, muitos parâmetros também foram silenciados nessas atividades.

Analisando estes dados percebemos que uma mesma dimensão e um mesmo parâmetro podem apresentar diferentes tendências, resultado também encontrado por Marpica (2008). Notamos que cada atividade encerra um potencial para a discussão de determinados aspectos que podem ser mais ou menos explorados, isto é, dependendo do que é proposto, um parâmetro poderá ser abordado ou silenciado. Nesse sentido, um dos pontos positivos encontrados nas unidades de conservação visitadas foi a realização de pelo menos dois tipos de atividade na mesma visita. Dessa forma, a participação dos/as visitantes em diferentes tipos de atividade permite a ampliação da diversidade de temas abordados e procedimentos utilizados.

Educação ambiental na prática educativa de professoras/es do ensino fundamental de São Carlos

Iared (2010) entrevistou 25 professoras/es do ensino fundamental de sete escolas da rede municipal e de uma escola da rede particular do município de São Carlos, SP. Para analisar os discursos optou por considerar dois componentes: a perspectiva pedagógica adotada nas práticas educativas e a concepção de educação ambiental das/os professoras/es, partindo do pressuposto de que essa concepção não estava necessariamente atrelada de forma intencional a um modelo de prática educativa. As tendências dos dois componentes a serem investigados foram elaboradas com base em referenciais dos campos da educação e da educação ambiental. Para a concepção de educação ambiental foram elaboradas as tendências romântica, pragmática e complexa. Para analisar as práticas educativas foram criadas as tendências conservadora, reformista e crítica.

As entrevistas foram subdivididas em unidas de análise e reorganizadas em quatro dimensões: valores, participação, papel de visitas a espaços educadores fora da escola e papel

da escola na educação ambiental. A partir disso, foram atribuídas características tanto da concepção de educação ambiental como das tendências das perspectivas pedagógicas às unidades de análise identificadas. As figuras 3 e 4 mostram a porcentagem de apontamentos de todas as tendências segundo as dimensões analisadas.

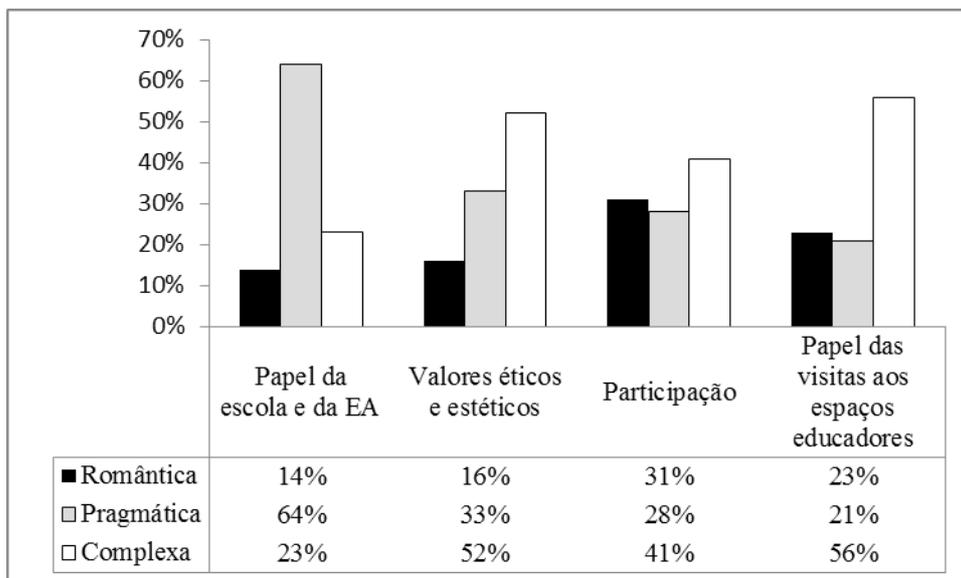


Figura 3- Frequência dos apontamentos identificados para as categorias de concepção de educação ambiental segundo as dimensões de análise consideradas (IARED, 2010).

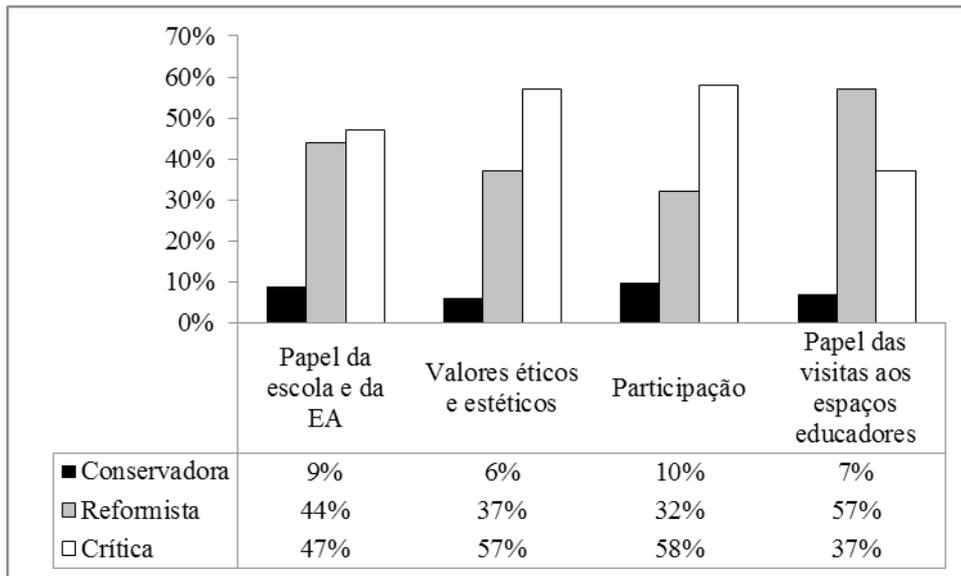


Figura 4- Frequência dos apontamentos identificados para as categorias de perspectiva pedagógica segundo as dimensões de análise consideradas (IARED, 2010).

Assim como encontrado em Marpica (2008) e Valenti (2010), a mesma dimensão apresenta mais de uma tendência predominante. A coexistência de várias tendências no mesmo discurso foi claramente percebida durante as entrevistas. Nos depoimentos identificamos que os procedimentos dialógicos e participativos são intercambiáveis com concepções normativas. As entrevistas com as/os professoras/es revelaram que, além dos discursos não serem fechados em uma só tendência, não existe necessariamente uma relação linear entre as concepções de educação ambiental e as perspectivas pedagógicas adotadas. Os depoimentos também indicaram que as tendências mais apontadas variam segundo a dimensão em que são analisadas, o que nos parece reforçar esse movimento da compreensão do papel da educação ambiental em função do tema discutido.

A sobreposição de tendências

O debate ambiental vem se fazendo presente nos mais variados âmbitos da nossa sociedade. Carvalho, I. et al.(2010, p. 3) faz uma análise da emergência do processo de ambientalização na esfera social. “A ambientalização diz respeito ao processo de internalização da questão ambiental nas esferas sociais e nas consciências dos indivíduos”. A autora segue dizendo que, no nosso tempo, a ambientalização das práticas sociais é, sobretudo, moral, ou seja, existe um padrão do que é ser moralmente ecológico, definido por padrões de comportamento individual e coletivo a serem seguidos.

Essa visão normativa e prescritiva da educação ambiental prevalece nos resultados da pesquisa de Silva (2007), na qual foram analisados filmes televisivos. Nas três investigações

aqui reunidas encontramos elementos da tendência pragmática em várias unidades de análise. Ao analisarmos as pesquisas mais antigas (CARVALHO, L. 1989; SOUZA, 2004; SQUAREZI, 2005), percebemos que a visão conservacionista é mais presente que as outras correntes. De acordo com Carvalho, I. (2010) essa força prescritiva e normatizadora encontra argumentos fortes pelo agravamento dos problemas ambientais e sua crescente visibilidade pública. Logo, a urgência da resolução dos problemas ecológicos globais e locais se reflete no aumento da perspectiva pragmática e reformista, onde há a necessidade de uma prática social que dite maneiras de como os grupos e os indivíduos devem se orientar.

Como afirmado anteriormente, a discussão ambiental vem ganhando espaço na mídia e em vários segmentos da sociedade. Pessoas, grupos e instituições têm vivenciado processos de ambientalização e, com isso, a visão do embate ambiental vai sendo (re)construída (CARVALHO, I. et al., 2010). Em cada uma das três pesquisas aqui apresentadas e discutidas, percebemos a impossibilidade de atribuir uma única tendência à cada unidade de análise. Tanto em livros didáticos e em atividades de educação ambiental nas unidades de conservação, como em entrevistas com professores/as, explicita-se a coexistência de diferentes tendências. A um mesmo livro didático, uma mesma atividade ou uma mesma entrevista com um/a professor/a são atribuídos elementos de tendências distintas. Ao contrário do que se poderia esperar em relação à existência de vertentes de educação ambiental que dão margem a interpretações que as tomam como se fossem estanques e polarizadas, nossos resultados indicaram que diferentes abordagens coexistem numa mesma prática educativa.

Segundo Cortesão (2006), nos encontramos numa fase de capitalismo desordenado, de processos hegemônicos de globalização que conflitam com emergências e afirmações de múltiplas identidades. As pessoas envolvidas e comprometidas com relações formativas, sejam elas autoras/es de livros didáticos, monitoras/es de atividades em unidades de conservação ou professoras/es de escola, vivem imersas nessa gama de idéias, orientações e apelos. Ao analisar os resultados desses estudos, percebemos que nossos *corpora* de análise não assumem permanentemente nenhuma das tendências construídas.

Tristão (2007) afirma que as vertentes criadas para analisar as tendências de educação ambiental representam diferentes perspectivas do pensamento sócio-histórico e filosófico e, portanto, não é possível encontrar uma perspectiva em seu estado puro. De forma semelhante, optamos por não classificar nossos resultados em uma categoria, como se elementos de outra não estivessem presentes. Por isso, utilizamos o termo “tendência” ao invés de “categoria”, que remeteria a algo estanque, delimitado.

A sobreposição de diferentes tendências, com coexistência de significados aparentemente divergentes presentes nas três investigações que apresentamos, é entendida por nós como um dos reflexos da transição de paradigmas que vive nossa sociedade. Segundo Tristão (2007) não haveria uma marca que defina o término de uma e o início de outra corrente: “estamos no movimento entre conflitos e contradições, entre um pensamento e outro, já que vivemos em ambos ruptura e continuidade” (p. 01). Dessa maneira, não entendemos que a complexidade da realidade possa ser delimitada em rótulos ou padronização de fenômenos, sob o risco de produzir imagens empobrecidas e simplificadoras. Por outro lado, Carvalho, I. (2009) faz uma consideração sobre as diversas pesquisas de educação ambiental que objetivam identificar diferentes tendências, correntes, perfis, identidades ou abordagens. Segundo a autora, esses trabalhos são uma tentativa de um autorretrato, “justamente porque somos área emergente, queremos nos ver e fazer ver quem somos para nós mesmos e para nossos pares” (p. 132).

Observando como se manifestam parâmetros e dimensões mais específicas nas diferentes investigações, identificamos como vários elementos da complexidade da questão ambiental ainda são silenciados ou pouco discutidos. Em geral, os parâmetros menos abordados foram os que tratam de solidariedade e competitividade, de experiência estética, das diferenças no acesso aos elementos naturais e na distribuição dos riscos dos impactos ambientais por grupos sociais distintos e a dimensão de participação política. Carvalho, I. *et al.* (2010), ao discutir o fenômeno ambiental na nossa sociedade, observa um esvaziamento da cidadania política em direção a uma “inculcação” do que é ser ecologicamente correto (LEITE LOPES, 2004⁸ apud CARVALHO, I., 2010, p. 5).

Carvalho, I. (2010) também afirma que, mais que uma tensão entre o horizonte reflexivo e o normativo, “percebe-se um processo de sustentação mútua entre a formação de um *habitus* ecológico e os processos de subjetivação ecológica (escolares, midiáticos, militantes e de governo), que se aliam a discursos normativos e moralizantes” (p. 6). Ou seja, as esferas de atuação reflexiva e normativa são intercambiáveis. No entanto, a própria autora defende que em processos formativos “a aprendizagem não se constituiria pelo ensino de padrões, mas pela atividade de engajamento no mundo que se expressa num certo modo de habitar” (CARVALHO, I. 2007, p. 28).

As pesquisas de Marpica (2008) e Valenti (2010) apresentaram a dimensão dos conhecimentos como preponderante sobre a dos valores e a da participação. Além disso,

⁸ LEITE LOPES, J. S. A ambientalização dos conflitos em Volta Redonda. In: ACSELRAD, H. (org.) *Conflitos Ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 217-244.

observamos a tendência silenciosa predominando em diversos parâmetros dessa mesma dimensão, corroborando a idéia de Carvalho, L. (2006) de que não é possível que a dimensão dos conhecimentos seja trabalhada de forma mais ampla se ao processo educativo não forem articuladamente incorporados os aspectos éticos e os políticos.

Na nossa perspectiva, a educação ambiental é uma prática social reflexiva e formativa que deve abordar todos os elementos que permitam desvelar a complexidade do fenômeno ambiental, o que justifica nossa preocupação a respeito do *silenciamento* de certos parâmetros e dimensões observados nos três estudos apresentados. A dimensão da participação política é central para superar a distância entre teoria e prática (CARVALHO, L., 2006). Esse autor atenta para o fato de que as ações educativas devem sinalizar para uma direção de rupturas profundas com os padrões de desenvolvimento vigentes e a ação política é relevante para esta sinalização. De fato, a grande maioria das/os autoras/es desse campo defende o desenvolvimento da participação política como fundamental nas ações educativas, em acordo com Paulo Freire, cuja teoria atribui à educação um sentido de transformação concreta da realidade a que os temas se referem e em que vivem os sujeitos do processo. Não foi o que observamos em relação às práticas educativas ou aos materiais didáticos que analisamos, em que a perspectiva política e transformadora do ato educativo não tem sido valorizada.

Considerações finais

Buscando finalizar o presente artigo, mas não a discussão acerca do tema, vale destacar que procuramos manter uma postura investigativa aberta ao diálogo, repensando nossas posições a todo o momento e não tomando uma tendência como única e verdadeira. Segundo Freire (1996), saber pensar é duvidar das nossas verdades e das nossas certezas; então é coerente com essa postura dialógica nos mantermos vigilantes e críticos para revermos o que defendemos e para considerarmos os elementos das outras tendências. Nesse sentido, cabe outra ressalva: adotar essa postura não significa considerar pertinentes todas as abordagens vislumbradas, visto que muitas vezes elas apontam fragilidades do ponto de vista teórico-metodológico e para aspectos de não coerência entre o que é assumido como referencial e a prática efetivamente realizada. Dito de outro forma, pode apontar também para um movimento de busca de coerência, que se mostra em processo, ainda não totalmente atingido. A dimensão da reflexão neste momento mostra sua vital importância, pois somente a partir da dedicação para olhar para a própria prática é que permitirá encontrar seus nós de contradição e encontrar possibilidades de superação dos mesmos.

Nesse sentido, Freire (2005) também indica a importância ética de fazermos escolhas, as quais implicam necessariamente rupturas com o que não escolhemos, ao menos com a parte

antagônica. A sobreposição de tendências nas práticas e materiais de educação ambiental pode levar a indagações que decorrem de, pelo menos, duas conjecturas baseadas na análise dos trabalhos aqui reunidos e que podem ser complementares: existe um processo de mudanças na práxis educativa, que por inacabado revela incoerências a serem superadas e/ou as categorias historicamente construídas não contemplam a dinâmica complexa e ao mesmo tempo fluida dos aspectos da realidade tomados como objetos de investigação.

Ressaltamos também a relevância de olhar para diferentes estudos investigativos sob um mesmo referencial teórico-metodológico para experienciar a alteridade no processo de investigação, em que o outro se torna nosso e o nosso se torna o outro, o que enriquece tanto o processo de pesquisa quanto a compreensão da realidade da qual fazemos parte. Este artigo, ao colocar lado a lado diferentes pesquisas, favoreceu novas inquietações, principalmente quanto à natureza das categorias, tendências e correntes teóricas quando se manifestam na cotidianidade da vida concreta. Mais do que novas certezas, nos trouxe novas perguntas, que esperamos, suscitem outras pesquisas, reflexões e ações.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC**, 2000. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm> Acesso em abril de 2009.

CARVALHO, I.C.M. **A configuração do campo de pesquisa em educação ambiental: considerações sobre nossos autorretratos**. Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 4, n. 2 – pp. 127-134, 2009.

_____. **Para além do Mal Estar da Civilização: a cura ecológica e a educação da percepção**. In: Reunião Anual da Anped, 30^a., 2007, Caxambu/MG, *Anais...*, 2007.

CARVALHO, I.C.M, PEREIRA, M.V., FARIAS, C. R.O. Os Descontentes com a Civilização e a Missão Ecocivilizatória: a Educação Ambiental entre a Norma e Antinormatividade. In: **Encontro Nacional da Anppas**, V., 2010, Florianópolis/SC. *Anais...*, 2010. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT6-33-54-20100903165213.pdf>. Acesso em fevereiro de 2011.

CARVALHO, L. M. A temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens. In: CINQUETTI, H. S.; LOGAREZZI, A. **Consumo e resíduo: fundamentos para o trabalho educativo**. São Carlos: Edufscar, 2006. p. 19-41.

_____. **A temática ambiental e a escola do 1º grau.** 286f. 1989. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

CARVALHO, L.M. et al. Conceitos, Valores e Participação Política. In: TRAJBER, R.; MANZOCHI, L. H. **Avaliando a Educação Ambiental no Brasil:** materiais impressos. São Paulo: Gaia, 1996. pp. 77- 119.

CORTESÃO, L. **Ser professor:** um ofício em risco de extinção?. 2. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2006 (Coleção Prospectiva, v. 6).

CRESPO, S. Educar para a sustentabilidade: a educação ambiental no programa da Agenda 21. In: NOAL, F.O.; REIGOTA, M.; BARCELOS V. H. L. (orgs) **Tendências da Educação Ambiental Brasileira.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. pp.211-225.

FREIRE, P. **Á Sombra desta Mangueira.** 7ª ed. Editora Olho d'água: São Paulo, 2005.

_____. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental:** a conexão necessária. Campinas: Papirus, 1996.

IARED, V. G. **Concepções de educação ambiental e perspectivas pedagógicas de professoras do ensino fundamental e as potencialidades do Pólo Ecológico de São Carlos (SP).**183f. 2010. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais). Centro de Ciências Biológicas e Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

KRASILCHIK, M. Educação ambiental na escola brasileira – passado, presente e futuro. **Ciência e Cultura**, vol. 38, n. 12, dez, 1986.

_____. Educação ambiental. **Ciência e Ambiente**, São Paulo, n.8, jan/jun, 1994.

LAYRARGUES, P.P. (coord.). **Identidades da educação ambiental brasileira.** Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2004.

LOGAREZZI, A.J.M. Educação ambiental em comunidades de aprendizagem: uma abordagem crítico-dialógica. In: **Reunião Anual da Anped**, 33ª, GT22, 2010, Caxambu/MG, Anais..., 2010. Disponível em <http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalhos-gt22>, Acesso em abril 2011.

MARPICA, N. S. **As questões em livros didáticos de diferentes disciplinas da quinta série do ensino fundamental.** 169f. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

OLIVEIRA, H.T.; ZUIN, V.G.; LOGAREZZI, A.J.M.; FIGUEIREDO, R.A. **Trajетória de constituição e ação do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental (GEPEA/UFSCar):** construindo pesquisas não alienadas para uma educação não alienante. **Ambiente e Educação**, vol.14, n.2, 2009 – pp. 71-77.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M. e CARVALHO, I.C.M. (orgs.) **Educação ambiental: pesquisas e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SGUAREZI, N.O. **Educação Ambiental e a formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental**. 2005. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, R. L. F. **O meio ambiente por trás da tela: estudo das concepções de educação ambiental dos filmes da TV ESCOLA**. 277f. 2007. Tese (Doutorado em educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SORRENTINO, M.. **Educação Ambiental e universidade: um estudo de caso**. 1995. Tese (Doutorado em educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

SOUZA, A.O. **Reforma Curricular e a Educação Ambiental no município de Vitória da Conquista – Bahia**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.

TRISTÃO, M. **A educação ambiental e os contextos formativos na transição de paradigmas**. In: Reunião Anual da Anped, 30ª, GT 22, 2007, Caxambu/MG, *Anais...*, 2007.

VALENTI, M. W. **Educação ambiental e biodiversidade em unidades de conservação: mapeando tendências**. 99f. 2010. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais). Centro de Ciências Biológicas e Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.